



**ESCREVER A IDENTIDADE NAS ENTRELINHAS DA VIOLÊNCIA –  
CONFLITOS E REENCONTROS**

*WRITING IDENTITY BETWEEN THE LINES OF VIOLENCE – CONFLICTS  
AND NEW ENCOUNTERS*

*ESCRIBIR IDENTIDAD ENTRE LÍNEAS DE VIOLENCIA – CONFLICTOS Y  
REENCUENTROS*

Ana Margarida Fonseca<sup>1</sup>

**RESUMO:**

No ensaio de 2006 *Identity and Violence. The Illusion of Destiny*, Amartya Sen apresenta a ideia de que o conflito e a violência assentam na ilusão de que os seres humanos se definem exclusivamente, ou sobretudo, a partir de uma única identidade. A ênfase num único aspeto de uma identidade plural alimenta a violência, pelo que o reconhecimento da diversidade identitária, através de uma escolha livre e racional, é determinante no mundo contemporâneo. No contexto pós-colonial, a relação entre identidade e violência revela-se fundamental, considerando a importância da (re)definição identitária emergente dos processos de descolonização. Estes, no caso de Angola e de Moçambique, são indissociáveis dos conflitos armados em que ambas as nações estiveram mergulhadas durante décadas, com consequências dramáticas na vida das populações. Procuramos, assim, fazer uma análise de representações da violência em narrativas de José Eduardo Agualusa e João Paulo Borges Coelho, especificamente no que diz respeito à representação de espaços concentracionários, tendo em conta a importância da afirmação de identidades miscigenadas e a superação do trauma através do reconhecimento da alteridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** violência, identidade, espaços concentracionários, José Eduardo Agualusa, João Paulo Borges Coelho.

**ABSTRACT:**

---

<sup>1</sup> Instituto Politécnico da Guarda. E-mail: [anafonseca@ipg.pt](mailto:anafonseca@ipg.pt)



*In the 2006 essay Identity and Violence. The Illusion of Destiny, Amartya Sen presents the idea that conflict and violence are based on the illusion that human beings define themselves exclusively, or above all, from a single identity. The emphasis on a single aspect of a plural identity fuels violence, so the recognition of the diversity of identities, through a free and rational choice, is crucial in the contemporary world. In the post-colonial context, the relationship between identity and violence is fundamental, considering the importance of the identity (re) definition emerging from the processes of decolonization. These, in the case of Angola and Mozambique, are inseparable from the armed conflicts in which both nations have been immersed for decades, with dramatic consequences on the lives of the populations. Thus, we seek to make an analysis of representations of violence in narratives by José Eduardo Agualusa and João Paulo Borges Coelho, specifically with regard to the representation of concentrationist spaces, taking into account the importance of affirming mixed identities and overcoming trauma through the recognition of otherness.*

**KEYWORDS:** *violence, identity, concentrationist spaces, José Eduardo Agualusa, João Paulo Borges Coelho.*

### **RESUMEN:**

*En el ensayo de 2006 Identidad y violencia. La ilusión del destino, Amartya Sen presenta la idea de que el conflicto y la violencia se basan en la ilusión de que el ser humano se define a sí mismo exclusivamente, o sobre todo, a partir de una única identidad. El énfasis en un solo aspecto de una identidad plural alimenta la violencia, por lo que el reconocimiento de la diversidad identitaria, a través de una elección libre y racional, es crucial en el mundo contemporáneo. En el contexto poscolonial, la relación entre identidad y violencia es fundamental, considerando la importancia de la (re) definición de identidad que surge de los procesos de descolonización. Estos, en el caso de Angola y Mozambique, son inseparables de los conflictos armados en los que están inmersas ambas naciones desde hace décadas, con dramáticas consecuencias en la vida de las poblaciones. Así, buscamos hacer un análisis de las representaciones de la violencia y en las narrativas de José Eduardo Agualusa y João Paulo Borges Coelho, específicamente en lo que respecta a la representación de espacios concentracionarios, tomando en cuenta la importancia de afirmar identidades mixtas y superar el trauma a través del reconocimiento. de alteridad.*

**PALAVRAS-CLAVE:** *violencia, identidad, espacios concentracionarios, José Eduardo Agualusa, João Paulo Borges Coelho.*

### **Introdução**

No ensaio de 2006 *Identity and Violence. The Illusion of Destiny*, o economista de origem

indiana Amartya Sen, partindo da observação das atrocidades e eventos violentos das últimas décadas, apresenta a ideia de que o conflito e a violência assentam na ilusão de que os seres humanos se definem exclusivamente, ou sobretudo, a partir de uma única identidade:

The politics of global confrontation is frequently seen as a corollary of religious and cultural divisions in the world. Indeed, the world is increasingly seen as a federation of religions or of civilizations, ignoring all the other ways in which people see themselves. Underlying this line of thinking is the odd presumption that the people of the world can be uniquely categorized according to some *singular* and *overarching* system of partitioning. Civilizational or religious partitioning of the world population yields a “solitarist” approach to human identity, which sees human beings as members of exactly one group (...) (SEN, 2006, p. xii)

No centro da argumentação de Sen encontra-se a relação entre as várias formas de essencialização da identidade e a violência, apontando para os nacionalismos étnicos e religiosos, assim como para o facto de que o conflito, com frequência, nasce precisamente da afirmação de identidades únicas, muitas vezes sedimentadas ao longo de séculos. A visão “solitarista”, refere o autor, contraria o facto de que todos pertencemos a vários grupos ao longo da nossa vida, ou seja, temos múltiplas identificações – precisamente porque a identidade não é uma essência, mas um processo.

A questão de saber se a identidade deve ser entendida como algo de essencial ou, pelo contrário, é socialmente construída tem uma longa tradição filosófica e tem sido revisitada por múltiplas tendências do pensamento contemporâneo, incluindo o espinhoso campo dos estudos pós-coloniais. Não pretendemos trazer para aqui a discussão em torno do conceito de identidade(s), mas apenas sublinhar, no limiar desta pequena reflexão, que subscrevemos a perspectiva de E. Balibar, ao defender que a identidade é sempre construída, é sempre elaborada em função do Outro, como resposta ao seu desejo, ao seu poder e ao seu discurso:

In reality there are no identities, only identifications: either with the institution itself, or with other subjects by the intermediary of the institution. Or, if one prefers, identities are only the ideal goal of processes of identification, their point of honour, of certainty or uncertainty of their consciousness, thus their imaginary referent.

But doubtless this does not mean that processes of identification as such are *imaginary*. [...] It could be suggested that a construction of identity is not an imaginary process but a *processing of the imaginary*: a behaviour, a history or a singular strategy of the subject in his relation to the imaginary (“his”, that of “others”). (BALIBAR, 1995, p. 187)

As identidades correspondem, assim, ao processamento de imaginários acerca de si mesmo e dos outros, numa realização individual que implica, porém, uma dimensão coletiva. As pós-colonialidades experienciadas em Angola e Moçambique constituem as balizas que

demarcam o *imaginário* sobre o qual esta breve reflexão se debruça, procurando observar as relações entre identidade e violência em textos literários de João Paulo Borges Coelho e José Eduardo Agualusa. Considera-se, pois, a importância da (re)definição identitária emergente dos processos de descolonização nestes territórios, os quais são indissociáveis dos conflitos armados em que ambas as nações estiveram mergulhadas durante décadas, com consequências traumáticas para as populações e que se mantêm até hoje.

Como explica Dipesh Chakrabarty, em comentário ao ensaio de Sen, trata-se sobretudo de atender à importância das *identificações*, ou seja, à forma como os sujeitos são identificados pelos outros, pois os episódios de violência emergem desse processo de externalização:

‘Identity’ relates to our own sense of self in everyday life. It is by nature complex and allows for plural affiliations. (...) all functioning human beings have plural, if incipient, understandings of themselves, derived from the various roles and contexts they inhabit and the exchanges they engage in everyday life. Identity thus has to do with my own understanding and thus with my interiority. I carry it within myself. ‘Identification’, however, refers to the external and surface signs by which I or others might identify myself as a member of a particular group (...). (CHAKRABARTY, 2009, p. 152-3)

Nos textos em análise, a imposição do encarceramento – real ou metafórico – resulta da imposição de uma barreira inultrapassável entre o eu e o outro. Assim, procuraremos proceder a uma análise de representações da violência e do trauma em *Campo de Trânsito* de João Paulo Borges Coelho e *Barroco Tropical* de José Eduardo Agualusa, tendo em conta a importância da afirmação de identidades miscigenadas e a superação do trauma através do reconhecimento da alteridade. O nosso foco de atenção estará na representação de espaços concentracionários onde a despersonalização, aliada à perda da memória, é o meio procurado para impor uma identidade de sentido único.

## 1. Espaços concentracionários – anular a identidade

Na já longa produção literária de João Paulo Borges Coelho, a temática da violência surge recorrentemente representada, quer no contexto histórico pré-independência quer após a constituição da nação moçambicana. Associada às questões da identidade e memória, pensar os conflitos que assolaram o território implica empreender uma leitura situada da história nacional, que atenda à multiplicidade de tradições, experiências e culturas e à riqueza que tal diversidade implica. Para o autor, não existem “unicidades identitárias,” uma vez que “a identidade é um processo aberto. A noção da identidade como um todo fechado (monopolar ou bipolar), qualquer que ele seja, é pré-moderna, transforma-nos em vítimas de um destino, retira-nos a condição de agentes” (COELHO, 2010). Simultaneamente escritor e historiador, Borges Coelho chama a atenção para a importância de “readquirir um sentido de destino novo,

mas que seja consensual e não resulte da imposição de uma visão monolítica, “uma vez que é essencial criar “espaços de visão crítica alternativa que instalem equilíbrios e contrariem um certo deserto que as visões únicas normalmente criam” (COELHO, 2010). Deste modo, observa-se um posicionamento simultaneamente ético e estético, que cruza a afirmação de um certo modo de intervir na sociedade com uma leitura do real, que depois se virá a converter em texto — seja ele historiográfico ou literário.

Em *Campo de Trânsito*, publicado em 2007, o autor debruça-se sobre os tempos posteriores à independência, problematizando as condições de construção da nação moçambicana e as implicações identitárias emergentes da condição pós-colonial. A ação do romance decorre, como o título anuncia, num campo de trânsito para onde é levado J. Mungau, de forma abrupta e sem que conheça o motivo da detenção. Começa então a longa odisséia do protagonista através de uma realidade que desafia quaisquer princípios legais ou éticos, até ao momento em que uma insurreição dos detidos põe fim ao confinamento a que estão sujeitos. Neste espaço remoto, distante dos centros de poder político e social, representa-se um microcosmos de contornos distópicos mas suficientemente próximo da factualidade histórica para que o leitor estabeleça um paralelo com os conturbados processos políticos pós-independência. Na verdade, a associação aos campos de reeducação é inevitável, ainda que o autor procure que a obra transcenda uma factualidade estrita:

*O Campo de Trânsito* flirta [sic] com a realidade dos campos de reeducação do nosso passado socialista, mas, desde o princípio, que visava a algo mais geral. Num certo sentido, é mais abstracto que os livros anteriores e procura colocar algumas questões relativas ao absurdo na nossa civilização global. (COELHO, 2010)

Os campos de reeducação, explica Borges Coelho num texto de carácter historiográfico, consistiram num dos meios de integração/punição dos combatentes que tinham alinhado em forças comprometidas com o regime colonial, assentes no princípio da “assunção de culpa, no arrependimento, na punição e na reeducação” (COELHO, 2003, p. 191). Deste modo, “entrando como inimigos do povo deveriam sair, após um processo de limpeza, como exemplo do «homem novo» revolucionário, identificado com o povo”. Para o historiador, o legado da guerra de libertação, aliado às práticas pós-revolucionárias, alimentou um potencial de violência na sociedade pós-colonial, banalizando essa mesma violência, sobretudo em espaço rural (COELHO, 2003: 193).

Assim, *Campo de Trânsito* parte de uma realidade historicamente ancorada mas, como o próprio autor sublinha, não se esgota numa leitura factual do contexto moçambicano. Para reforçar a leitura alegorizante, o narrador procura uma referencialidade menos adstrita ao espaço

moçambicano, como por exemplo referir-se a “horta” em vez de “machamba”, “frigorífico” em vez de “geladeira”, ou a mulher do professor plantar couves e espargos em vez de milho. Do mesmo modo, observa-se uma ausência de referências toponímicas que pudessem remeter para uma geografia identificável, facilitando a instauração de analogias com diferentes contextos totalitários, como sublinha Fátima Mendonça:

Com fragmentos da História (re) institui um cenário ficcionado, onde cabem todas as situações possíveis de confronto e aliança entre os aparelhos de um Estado totalitário — no romance representados pelo Director, o Bexigoso e o Professor e os resíduos da organização social que o precedeu — representado pelo Chefe da aldeia e o agente duplo que descobrimos ser o Vendedor de chá. Estado totalitário em que a massificação — traduzida na uniformização das categorias dos prisioneiros de cada um dos campos — reduz os indivíduos a um colectivo de onde se vai ausentando a marca do humano. (MENDONÇA, 2007)

Reforçando o efeito de despersonalização, apenas o protagonista tem nome próprio, os restantes, ou são prisioneiros identificados apenas por números, ou são nomeados pelas funções que ocupam (Chefe da Aldeia, Professor, Director), existindo ainda um pequeno grupo cujo nome alude a uma característica individual (Mulher do Professor, Garça, Bexigoso). Assim, a violência passa igualmente por esta ausência de identificação, pois no espaço do campo o específico deve obrigatoriamente dar lugar ao coletivo. Impor uma identidade única é, pois, a forma de cercear as identidades plurais de cada sujeito, pela tentativa de apagamento da memória e recusa da individualidade.

Será, pois, pela ameaça às relações de pertença que a violência é perpetrada sobre Mungau. Mais do que os constrangimentos físicos, a personagem teme perder a sua própria identidade:

Mungau inclina-se sobre o rio, mergulha ali as mãos e lava o rosto, aproveitando para se olhar nas águas e tentar ver no que se tornou. Mas, pobre dele que não consegue ver mais que a vã visão do seu próprio reflexo! ‘Será que os meus olhos se estão tornando claros?’, pergunta-se com preocupação. ‘Será que deixei de saber aonde pertenço?’ (COELHO, 2007, p. 121-2)

A estratégia de sobrevivência no campo passa pela dissolução das diferenças e pelo mimetismo do comportamento dos outros prisioneiros, o que gera uma tensão permanente entre o que é suposto fazer para se esbater no fundo e o impulso de resistência (COELHO, 2007, p. 23). O objetivo do campo é levar os sujeitos a interiorizarem novos pensamentos e atitudes de forma “voluntária”, sem outra coação física que não seja a detenção, pelo que as sessões de endoutrinamento levadas a cabo pelo Professor assumem uma metodologia dialética que, na realidade, é falsa, pois não é admissível outra lógica que não a dos discursos oficiais.

O espaço concentracionário do campo de reeducação surge, assim, como o produto de um estado de violência mas também como a fonte da própria violência, quer no plano individual da

coerção física e psicológica exercida sobre cada um dos prisioneiros quer no plano coletivo de uma nação submetida à tentativa de apagamento da sua própria história. Nas palavras de Nazir Can,

JPBC interroga o humano a partir da História e vice-versa. No entanto, a sua obra inscreve a História para poder transcendê-la. [...] O “real” constitui o mote para um questionamento mais amplo (e, logo, aberto), servindo de caminho, nunca de meta. É, portanto, na confluência entre uma experiência estético-filosófica e a realidade que lhe inspira que reside a posição ética de Campo de Trânsito: demarcando-a da exclusividade historicista, esta obra requer uma auto-interrogação, já não coletiva ou nacional, mas sim individual e desterritorializada. (CAN, 2009, p. 117)

Reencontramos esta preocupação com a ameaça à identidade provocada pela perda da memória na obra literária de José Eduardo Agualusa. Para o escritor angolano, é fundamental a afirmação de identidades miscigenadas, pelo que nos seus textos se representam espaços de diluídas fronteiras entre o eu e o outro, o mesmo e o diferente.

De entre os vários romances que lidam com a questão da violência, associada à problematização das identidades, *Barroco Tropical*, publicado em 2009, é um dos mais notáveis. Neste romance identificamos espaços concentracionários, embora de forma muito distinta da de João Paulo Borges Coelho – trata-se, agora, de um espaço urbano, para onde convergem pessoas de distintas origens e classes, num ambiente de desordem e excesso. A violência está presente por todo o lado: nas relações interpessoais, na hierarquização das classes sociais, na sub-humanidade das condições de vida dos mais vulneráveis, nos jogos de poder entre as classes dominantes.

A ação de *Barroco Tropical* situa-se em Luanda no ano 2020, constituindo, portanto, um tempo futuro relativamente ao presente da escrita, de assumidos contornos distópicos. A capital angolana apresenta-se de forma apocalíptica, num tocar de extremos entre a riqueza e a pobreza, a tradição e a modernidade, a escuridão e a luz. “Luanda corre a toda a velocidade em direção ao Grande Desastre” (AGUALUSA, 2009, p. 93) e com ela uma sociedade decadente, num ponto de aparente não retorno. O espaço nevrálgico do romance é a Termiteira, um arranha-céus de megalómanas proporções onde se entrevê um microcosmos da nação angolana:

Hoje, ricos e pobres partilham o mesmo espaço, como acontece lá fora, nas ruas da cidade, com a diferença de que aqui vivemos literalmente uns por cima dos outros – quanto mais ricos mais acima. (...) As galerias subterrâneas, onde deveriam ser instaladas garagens e oficinas, ginásios e supermercados, foram ocupadas por toda a sorte de marginais e deserdados: *junkies*, catorzinhas, pequenos ladrões sem futuro, mutilados de guerra, meninos-feiticeiros. Vivem ali como ratazanas, na escuridão. (AGUALUSA, 2009, p. 64)

Nos distintos níveis do prédio, as desigualdades sociais ganham corpo e evidenciam



a heterogeneidade social, não só em termos económicos como também em termos culturais – práticas de feitiçaria e rituais cruéis coexistem com hábitos e crenças ocidentais. Um dos episódios mais violentos da obra ocorre quando o protagonista e narrador, Bartolomeu Falcato, testemunha o assassinato da Menina-Cão, uma criança possuidora de uma doença genética que é levada para as catacumbas da Termiteira e imolada pelo fogo, num ritual selvático comandado pelo Rei, o líder déspota dos excluídos. De resto, em outros momentos, a violência surge banalizada no quotidiano na cidade, seja pelo sucesso do antigo terrorista Benigno dos Anjos Negreiro, pelo suicídio de Kianda ou, de forma muito intensa, no funcionamento do hospício conhecido por Centro de Saúde Mental Tata Ambroise.

Este espaço concentracionário tem algumas semelhanças com o campo de reeducação descrito em *Campo de Trânsito*, pois também para aqui são enviados, entre outros, os dissidentes do regime:

O governo entrega a Tata Ambroise não apenas os doentes mentais sem eira nem beira que vagueiam pela cidade mas também um ou outro dissidente mais contestatário. O facto de alguém denunciar, com excessiva veemência, as políticas governamentais, ou a inexistência de políticas governamentais e de uma “verdadeira democracia”, seja lá o que isso for, já indicia, na opinião dos nossos dirigentes, certa instabilidade mental. (AGUALUSA, 2009, p. 81)

As condições indignas a que são sujeitos os “pacientes” – nus, a cabeça rapada, presos pelos tornozelos a velhas peças de automóveis têm correspondência com práticas ocorridas numa instituição existente em Luanda, o Centro de Medicina Tradicional Avô Kitoko, como o próprio autor esclarece numa nota final do romance. Tal como em *Campo de Trânsito*, existe assim uma ancoragem no plano extra-ficcional que remete para os regimes pós-independência e seus abusos. Neste caso, o abandono e maus tratos a que são sujeitos os “pacientes” implicam uma despersonalização radical dos sujeitos, que supostamente seriam tratados com recurso a mezinhas tradicionais mas na realidade são apenas encarcerados num labirinto de paredes sem teto. No fim de contas, todos estes infelizes são privados da sua própria identidade em nome de interesses obscuros e de uma pretensa cultura tradicional.

## 2. Espaços concentracionários – a possibilidade da resistência

Apesar das ameaças à identidade, é possível resistir, e quer na obra de João Paulo Borges Coelho quer de José Eduardo Agualusa existe esse capital de esperança, assente na proposta de uma identidade mesclada, aberta ao outro e à diferença.

Em *Campo de Trânsito*, é no espaço do rio e das suas margens que se abre a possibilidade de resistência ao ambiente concentracionário do campo, através da afirmação da individualidade dos sujeitos. É para o rio que Mungau se encaminha quando não tem mais para onde ir



(COELHO, 2007, p. 141), encontrando nele o escape para a lógica retorcida do campo e dos seus responsáveis. Contrariando a passividade dos restantes prisioneiros, existem dois grupos que cultivam pequenas hortas junto ao rio, com os poucos recursos disponíveis, e também a Mulher do Professor, solitariamente, se dedica ao trabalho numa horta ainda mais pequena e distante.

A margem do rio é igualmente o espaço escolhido para a aula do Professor, encarregado de doutrinar os prisioneiros quanto às virtudes da coletividade, face à doença da individualidade. Mungau contraria os ensinamentos, sublinhando que “a colectividade é um corpo só, um corpo que resulta da união das várias singularidades” (COELHO, 2007, p. 75), mas o prisioneiro 13.2, como bom aluno, retorque que “uma união simples de singularidades só poderia resultar numa singularidade que, embora maior, continuaria a ser também ela limitada.” (COELHO, 2007, p. 76). O Professor usa o exemplo da horta da sua mulher, para ilustrar que a pobreza da mesma resulta da sua obstinação em desafiar solitariamente a natureza (COELHO, 2007, p. 77). Com a mão direita aleijada, sempre silenciosa e submetida a um marido agressor, a Mulher do Professor parece impotente e sem voz; contudo, é ela que altera dramaticamente o curso da vida no campo ao assassinar o Diretor depois de este a ter violentado enquanto trabalhava na horta. Assim, a violência física e psicológica sofrida pela mais vulnerável das personagens não a impede de encontrar em si a força para tomar nas mãos o seu próprio destino e contrariar a subalternidade a que está sistematicamente sujeita.

No final do romance, a ordem totalitária dos três campos – o Velho, o Novo e o de Trânsito – dissolve-se na sequência da revolta dos prisioneiros dos dois primeiros e a perda de liderança do último. Mungau continuará a lutar contra o absurdo de uma acusação desconhecida; quanto à Mulher do Professor, o seu trabalho solitário representa, metonimicamente, a força da resistência do povo contra o totalitarismo:

Semicerrando os olhos, Mungau consegue ainda ver uma minúscula horta mais distante onde um vulto inclinado trabalha com afinco, como se todo o trabalho que há a fazer tivesse de ser feito hoje. Como se amanhã já fosse tarde. Um vulto que enterra a enxada no chão com a mesma convicção com que se enterra uma faca afiada num macio peito. (COELHO, 2007, p. 195)

Por sua vez, Agualusa confere a Bartolomeu Falcato o poder de denunciar a corrupção e a insanidade dos poderes instituídos, deixando suficientes pistas e referências para que o leitor estabeleça uma relação entre o mundo ficcional e a realidade empírica vivida em Angola. A podridão do regime é exposta de forma recorrente, através do desfile de uma extensa galeria de personagens que ora está do lado dos agressores ora das vítimas – quando não dos dois. Assim, quer a Termiteira quer o Centro de Saúde Mental Tata Ambroise são espaços onde se faz mais presente a violência do regime, mas no fundo toda a cidade expõe as contradições de uma sociedade sem rumo. E ainda que o romance termine num aparente tom sombrio, pois os

corruptos e iníquos são promovidos, ganhando cada vez mais força num país dominado pelo clientelismo, ainda assim há margem para a resistência: “Os gajos ganharam. Não importa. Enquanto existir este bar, e houver cerveja, vamos tendo pátria”. (AGUALUSA, 2009, p. 334)

### Nota conclusiva

Na cerimónia de entrega do Prémio Literário Internacional de Dublin 2017, afirmou José Eduardo Agualusa:

Venho de um país, Angola, que sofreu uma longa e cruel guerra civil. Acompanhei essa guerra enquanto cidadão e enquanto jornalista. Aprendi um pouco sobre guerras. Aprendi, por exemplo, que para criar uma histeria propícia, os fabricantes de guerras civis começam por desnacionalizar o inimigo. A seguir, passam a questionar a sua humanidade. Primeiro, o inimigo é um estrangeiro, depois um monstro. Um monstro, ainda para mais estrangeiro, pode ser morto. Deve ser morto. Já a grande literatura trabalha quase sempre em sentido inverso. Dá-nos a ver a humanidade dos outros, inclusive dos que nos são estrangeiros. Inclusive daqueles que nos parecem monstros. (AGUALUSA, 2007)

O caminho da literatura é o de devolver a dignidade e a humanidade, recuperar a memória, trazer o outro para perto de quem o teme por ser diferente. Combater a visão “solitarista” da identidade humana, como lhe chama Amartya Sen, e com isso lutar contra a violência de sentido nacionalista, religioso, étnico ou outro. Todos somos os estranhos, os estrangeiros de alguém, e o reconhecimento de que em cada um de nós habitam os muitos de que somos feitos poderá ser o caminho para o fim da violência e para a conquista da liberdade.

### Referências:

AGUALUSA, José Eduardo. **Barroco Tropical**. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

AGUALUSA, José Eduardo. Discurso de entrega do Prémio Literário Internacional de Dublin 2017. Disponível em <https://www.agualusa.pt/imagens/pdf/discurso-pt.pdf>, Acesso em maio de 2020.

BALIBAR, Etienne. **The Identity in Question**. New York: Routledge, 1995.

CAN, Nazir A. Para além da história: *Campo de trânsito* de João Paulo Borges Coelho. **Via Atlântica**, (16), p.105-117, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.11606/va.v0i16.50466>, Acesso em julho de 2020.

CHAKRABARTY, Dipesh. (2009) Identity and violence: the illusion of destiny, by Amartya Sen, **South Asian History and Culture**, 1:1, p. 149-154, 2009. Disponível em DOI: 10.1080/19472490903387282. Acesso em setembro 2020.

COELHO, João Paulo Borges. Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas. **Lusotopie**, nº 10, p. 175-193, 2003.

COELHO, João Paulo Borges. **Campo de Trânsito**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

COELHO, João Paulo Borges. Entrevista a João Paulo Borges Coelho, realizada por Carmen Lindó Secco. **Metamorfoses**, nº 10, Revista da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Editora Caminho e UFRJ, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/entrevista-a-joao-paulo-borges-coelho>, Acesso em junho 2020.

MENDONÇA, Fátima. **Ovídio e Kafka nas margens do Lúrio**. 2007. Disponível em: <https://ma-schamba.blogs.sapo.pt/fatima-mendonca-sobre-campo-de-transito-554369>, Acesso em maio 2020.

SANTOS, Emanuelle. Guia prático para (des)construção de comunidade imaginadas: a crítica pós-colonial a partir do pensamento de fronteira em Campo de Trânsito. KHAN, S.; SOUSA S. *et al* (orgs). **Visitas a João Paulo Borges Coelho. Leituras, diálogos e futuros**. Lisboa: Edições Colibri, 2017, p. 139-152.

SEN, Amartya. **Identity and Violence: the Illusion of Destiny**. New York, Norton and Company, 2006.